

A criação musical como significação dos elementos da música em aulas de piano coletivo.

Jonas Buarque

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

Jonas.pianosoul@gmail.com

Resumo: A proposta deste trabalho é refletir sobre como a improvisação e a composição foram usadas em aulas de piano em grupo, no âmbito do desenvolvimento de uma pesquisa sobre o uso de métodos ativos da educação musical nesse contexto. Será tratado como tema principal a criação musical como forma de dar significado aos elementos da linguagem musical previamente estudados. Bem como, refletir sobre que maneira este aspecto pôde ser utilizado no processo como forma de avaliação dos alunos, e por fim apresentaremos alguns resultados obtidos com as atividades desenvolvidas.

Palavras chave: Ensino de piano em grupo, criação musical, avaliação.

Introdução

O presente texto traz um recorte de uma pesquisa apresentada como monografia ao curso de licenciatura em música da UFRN. O objetivo desta foi discutir como a utilização de princípios do método de Edgar Willems e da abordagem de Carl Orff de ensino da música, podem auxiliar no desenvolvimento da musicalidade e da técnica instrumental em aulas de piano em grupo. A investigação teve como participantes 6 crianças entre 9 e 12 anos divididas em 2 turmas e foi desenvolvida em aulas semanais durante o período de fevereiro de 2012 a setembro de 2013 no curso de extensão do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, campus Cidade Alta, Natal.

A proposta deste texto especificamente é refletir sobre como a composição e a improvisação, dentro do contexto dessa pesquisa, foram usadas no processo como forma de avaliação, bem como, de que maneira estes aspectos puderam ser usados para dar significado aos conteúdos subjetivos da música, tornando-os concretos através da aplicação prática na criação musical. Desse modo, passaremos a falar um pouco da metodologia utilizada nesse processo avaliativo, ressaltando os pontos mais importantes os quais podemos identificar.

Conceitos utilizados

As atividades de composição são propostas tanto por Willems quanto por Orff (ROCHA, 1990; PAZ, 2000; PAREJO, 2013; BONA, 2013), se configuram em uma parte importante nesta investigação, visto que são nessas atividades onde os conceitos aprendidos sobre música são significados. Fazendo um diálogo com outros autores a respeito destes temas, vemos que Dalcroze considera a experiência de improvisar como aspecto importante da aprendizagem musical. Para ele,

A **improvisação** é o momento criativo em que o aluno demonstrará suas próprias ideias musicais e os conteúdos que foram assimilados a partir da experiência. É o momento em que o aluno se torna **compositor**, coreógrafo, é o momento da **síntese**. A improvisação não acontece somente após alguns anos de aprendizagem, mas em cada aula, como consequência do trabalho realizado (MARIANI, 2013, p. 45, grifo nosso).

Na abordagem de Carl Orff a improvisação desempenha uma função determinante, e deve fazer parte de cada aula (HASELBACH, 1971), agregando nas atividades a improvisação melódica, rítmica, idiomática e de movimentos (este último detém grande importância no processo de obtenção dos gestos para a execução do instrumento). Para Swanwick (1992, p. 43), é organizar ideias musicais partindo dos materiais sonoros de uma maneira expressiva. Sendo assim, a composição não se limita a criações que foram notadas na escrita musical, mas agrega todas as formas de invenção musical, incluindo a improvisação.

Compor (composição sistematizada) e improvisar (composição espontânea¹) são processos criativos dentro do estudo da música. Porém como vimos anteriormente, ambos dependem de conhecimentos prévios, adquiridos nas aulas, ou fruto da experiência cotidiana dos alunos. Para este fim é necessário obter um “vocabulário” musical, que se constitui em informações que são cruciais no momento da criação e improvisação. As estratégias para alcançar este objetivo serão descritas no próximo tópico.

Desenvolvendo habilidades para a criação musical

As atividades preparatórias que se consolidaram como os caminhos utilizados para se adquirir o vocabulário para formar o discurso musical pretendido, consistiram em trabalhar princípios básicos da música, andamento, ritmo, escalas maiores e menores, acordes, além de

¹ Segundo o dicionário Grove (2001), a improvisação é uma composição espontânea ocorre durante o período da execução.

desenvolver as formas para as mãos, coordenação motora para o uso das mãos simultaneamente etc. Todos estes aspectos trabalhados em atividades que tirassem os elementos da esfera conceitual e os dessem significado, ou seja, fazendo música, através de movimento, da canção, de atividade de locomoção e desenvolvimento ritmo (ROCHA, 1990; SALIBA, 1991; GOODKIN,2013).

Sobre a importância atividades de criação Keller (1963, *apud* BONA, 2013, p. 149) que alerta: “nada merece ser preparado [pelo professor] de forma mais meticulosa do que a prática e a supervisão de exercícios criativos e de improvisação”. E desse modo estruturamos e pensamos estratégias que além de desenvolver as habilidades pretendidas, pudessem nos servir de instrumento de avaliação.

Para as atividades de composição foi solicitado para as crianças que a partir do que aprendemos nas aulas (escalas, acordes e padrões rítmicos etc.), criassem sua própria música. Num primeiro momento quando trabalhamos escalas e acordes maiores e o padrão rítmico balada, por exemplo, realizamos atividades que mesclavam todos esses aspectos, e o resultado foi justamente baseado naquilo que estudamos e suas composições se configuraram em baladas em tons maiores, com melodias dentro das escalas maiores, compostas de sistemas bem mais livres ainda sem muita padronização.

Na improvisação as atividades consistiam primeiramente em improvisar criando onomatopeias ou palavras, combinadas com batimentos, bem como utilizando instrumentos de percussão. Posteriormente já no piano, seguimos construindo melodias sobre alguma base rítmica trabalhada anteriormente, que era executada enquanto outro colega tocava acordes que serviriam de base, desse modo, visando às possibilidades do trabalho em grupo. Posteriormente de acordo com a evolução do aluno e a etapa do curso – pois o conteúdo ou o vocabulário para compor o improviso dependia de qual estágio de conhecimento o aluno se encontrava - colocamos a improvisação dentro da harmonia de músicas que faziam parte do repertório, utilizando a própria base harmônica da música para o desenvolvimento da criação espontânea.

Os resultados que obtivemos a partir deste trabalho, foram improvisações baseadas no vocabulário musical previamente apresentado em cada etapa, bem como nas experiências anteriores as atividades de criação, porém sempre argumentado de uma forma livre, sem muita preocupação com padrões estéticos atribuídos a música, o que foi sendo moldado a

partir do enriquecimento do vocabulário musical. Bem como, pudemos observar o aprendizado dos elementos da linguagem dentro de cada criação, a partir da gravação em áudio e vídeo, nos foi possível avaliar o que cada um assimilou e o que precisaria ser mais trabalhado para o aprimoramento do trabalho.

Considerações finais

Em resumo podemos considerar que a composição e a improvisação foram partes importantes no processo de avaliação no contexto em que desenvolveu esta investigação, pois enquanto o aluno compõe ele delimita a demanda técnica, tendo assim uma compreensão do que ele pode fazer dentro da sua capacidade, e o professor pode visualizar o que foi aprendido a partir da análise dos trabalhos de criação de cada aluno. É possível observar quais fundamentos da linguagem musical foram realmente assimilados e pensar em estratégias para reformular a sua abordagem, visando a apropriação dos elementos ainda não compreendidos pelo aluno.

Através das atividades fundamentadas nos princípios de Edgar Willems e Carl Orff utilizadas nas aulas de piano em grupo para desenvolvimento da musicalidade e da aprendizagem dos elementos da linguagem musical, percebemos que, quando o trabalho técnico no instrumento se iniciava, a dificuldade encontrada pelo aluno em relação, principalmente aos aspectos discutidos nesse artigo (Composição e Improvisação), eram pequenas ou inexistentes. Observamos que a partir desse trabalho os alunos também adquiriram uma autonomia ao procurar uma maneira de superar a dificuldade apresentada por ele mesmo dentro de suas criações, procurando possíveis soluções para o que se propunha fazer.

Referências

BONA, Melita. *Carl Orff um compositor em cena*. In: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (org.). *Pedagogias em educação musical*. Editora Intersaberes, Curitiba – PR, 2013.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. São Paulo: Editora UNESP, 2005

GOODKIN, Doug. Play, sing and dance. Na introduction to orff schulwerk. Third edition. Schott music corporation. Miami, Florida, 2013.

HASELBACH, Bárbara. *Elementare Musik und Bewegungserziehung*. In: BÜNNER, Gertrud; RÖTHIG, Peter; GERMANN-MÜLLER, Ursola. *Grundlagen und Methoden Rhythmischer Erziehung*. Stuttgart: Klett, 1971.

MARIANI, Silvana. *Émilie Jasques-Dalcroze, a música e o movimento*. In: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (org.). *Pedagogias em educação musical*. Editora Intersaberes, Curitiba – PR, 2013.

PAZ, Ermelinda A. *Pedagogia Musical Brasileira no Século XX: Metodologias e Tendências*. Brasília: Editora MusiMed, 2000.

PAREJO, Enny. *Edgar Willems, um pioneiro da educação musical*. In: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (org.). *Pedagogias em educação musical*. Editora Intersaberes, Curitiba – PR, 2013.

ROCHA, Carmen Maria Mettig. *Educação Musical “Método Willems”, Minha Experiência Pessoal*. 2ª edição. Salvador: Faculdade de Educação da Bahia, 1990.

SALIBA, Konnie K. *Accent on Orff: an introductory approach*. New Jersey: Prentice Hall, 1991.

SWANWICK, Keith. *A Basis for Music Education*. 2. ed. London: Routledge, 1992.